

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
 EDITOR
Joaquim Cardoso
 União Operária Nacional
 (a forma da qual regula a liberdade de imprensa)
 Oficinas de impressão - R. da Atalaia, 154
 Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º
 Lisboa - PORTUGAL
 End. telegr. Tatiaba - Lisboa - Telefone: 2

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

OS INCÊNDIOS Contra a intervenção na Rússia

Não está ainda averiguado se o incêndio das Encomendas Postais é produto de um acto criminoso ou acidental. Parece não haver dúvidas entretanto de que esse incêndio alguém cometeu o acto criminoso e perverso de cortar mangueiras. Coincidindo este incêndio com a declaração de greve dos operários da Companhia das Águas e logo a seguir com o incêndio do Limoeiro, prosa e que é autor, segundo as informações oficiais, um Manuel Galego, criminoso e cadastro. Diz-se ainda que, quando o incêndio do Limoeiro, alguns dos presos, entre eles um Plínio Cardoso, e insubordinaram dando vivas à revolução social.

Esta sucessão de factos fez convencer muita gente de que se tratava, nem mais nem menos, do que do início da revolução bolchevista entre nós, e acutou-se o operariado organizado de instigar semelhantes actos de banditismo. É possível que fossem operários os que cortaram as mangueiras no Terreiro do Paço? Sem dúvida. A perversidade humana tanto se pode ocultar numa blouse como numa sobrecasaca. Mas que espécie de relações pode existir entre a U. O. N. e esses operários, ou o Manuel Galego ou o Plínio Cardoso? Este último conheço-lo muito bem. Este último serviço do desmembrismo. Nas greves que se realizaram em 1918, vim-lo, de automóvel, distribuir manifestos inaltantes e difamatórios para a classe operária. Plínio Cardoso é um tarado que políticos sem escrúpulos assalaria para o cometimento de infâmias. Afirma-se que deu vivas à revolução social e não nos repugna acreditá-lo.

Esse clamor na boca de Plínio Cardoso é uma blasfêmia. Plínio Cardoso não é criatura para conceber a grandeza da revolução social que tem de ser acima de tudo uma obra de reparação, mas sem vinganças e violências escissadas. Cremos que, se a revolução social tem de cortar as unhas a alguns, e aos diversos Plínios que por aí pulam.

Não nos convencemos ainda de que o incêndio nas Encomendas Postais fosse um acto criminoso, mas julgamo-lo assim, como desforço, dado o estado de guerra existente as facções políticas que disputam o poder.

Explicamos:

O desmembrismo teve uma coorte numerosa de defensores estupidizados pelos coíres do governo civil. Eram os *formigas*. Gente da pior espécie, recrutada nas mais baixas camadas sociais a maior parte, por fanatismo político um mais reduzido número, esta turba-mul-ta assaltou jornais e agremiações políticas e económicas, agrediu presos, cuspiu e insultou quem teve independência para se não curvar perante as suas ameaças. E natural que aos homens inteligentes e honestos do desmembrismo repugnasse o convívio destes Cartuchos. Mas calaram-se, não tiveram a coragem de condenar publicamente os seus actos criminosos. E porque assim, eles continuaram por sua iniciativa defendendo a República, a cometer toda sorte de desvarios. Estes defensores comprometeram irremediavelmente o desmembrismo.

Velu o desmembrismo e os coíres do governo civil fecharam-se para os *formigas*. Mas surgiram logo os *lacrados*, gente da mesma categoria moral e exercendo as mesmas funções odiosas. Os *lacrados* encheram-se, repetiram-se os assaltos a jornais e às agremiações políticas e económicas. As figuras representativas do desmembrismo também não tiveram a coragem de repelir qualquer solidariedade com estes bandidos. Desmembrismo e desmembrismo nivelaram-se pelo uso das mesmas processões.

A 19 de janeiro surge no Pórtio a tentativa monárquica de Couceiro e logo nos aparecem os *traulheiros*. Como o desmembrismo e o desmembrismo, o monarquismo baixou à cova salpêtra da mesma lama. Os *defensores* não fizeram outra coisa senão comprometer as causas que supunham defender. E tudo isto porque democráticos, desmembristas e monarquistas não souberam, não quiseram ou não puderam repudiá-los.

Por isso não nos espanta que *lacrados* e *traulheiros* batassem as palmas de contentamento, rindo nas bochechas dos *formigas*, ao verem as labaredas levantar o edifício pombalino do Terreiro do Paço.

Orá nós é que não seguimos na penitência de democráticos, desmembristas ou monarquistas. Não queremos *defensores* dessa laia. Se alguém, embora entregando a blusa de operário, pensa em servir-nos por processos semelhantes, fude-se. A U. O. N. preferiria em todas as circunstâncias uma derrota, lutando às claras e com os processos que se não peculiarizem, do que um triunfo com o auxílio comprometedor de semelhante gente. E se a U. O. N., por virtude de circunstâncias internacionais, fôsse impedida a tomar conta dos destinos do país, não teria dúvida em aconselhar aos cidadãos pacíficos e laboriosos que se defendessem a tiro desde reconhecerem direitos a quem exerça uma função útil.

Um novo apêlo de Chicherin Ao proletariado da Entente

Em 20 de Abril, Chicherin, comissário do povo para as relações exteriores, lançou um longo manifesto aos trabalhadores de todos os países. A essência desse documento é a seguinte:

Os operários e camponeses russos, os primeiros a sacudir o jugo capitalista, pedem-vos exercêis pressão sobre os vossos governos para os impedir de estrangular a revolução popular da Rússia.

Querem convencer-vos de que os governos renunciarão a intervir, ao passo que na realidade preparam contra nós novas agressões.

Tinham-vos dito que a presença das tropas aliadas na Rússia era necessária para transportar para a frente oriental a guerra contra a Alemanha, que no Ocidente ameaçava a existência da França com uma poderosa ofensiva; e todavia, na Rússia, em nenhuma parte os Aliados representaram o papel de inimigos da Alemanha. Lutavam porventura em separado, mas uns e outros alvejavam a revolução popular russa.

E onde as tropas desses dois diferentes inimigos da Revolução se achavam perto umas das outras, como no Don e no Kuban, operavam em completo acordo, a ponto de ser impossível distinguir onde acabavam os aliados da Alemanha e começavam os da Entente.

Logo que o povo alemão sacudiu o jugo imperial, deixando a Alemanha para constituir uma ameaça para os seus vencedores, os Aliados inscreveram francamente na sua bandeira o grito de guerra contra a revolução operária e camponesa.

O número exército dos vendilhões da imprensa capitalista mundial foi todo posto em campo para cobrir de calúnias a revolução popular russa, cujo exemplo ameaçava arrastar as massas de todos os países.

O poderio militar da Entente tem-se, porém, mostrado impotente para esmagar o jovem exército vermelho, porque os operários e camponeses dos Aliados abriram os olhos e recusaram tornar-se alçôzes da nossa liberdade. Na Ucrânia, explorados.

LEIAM AMANHÃ

REGENERACÃO

Romance social DE Curvelo de Mendonça FOLHETIM DE "A BATALHA"

As greves na Itália

Efeitos do assalto ao jornal "Avanti!"

A falta de espaço e de tempo não nos permitiu dar conta da promessa de resenha dos acontecimentos na Itália. Limitemo-nos, pois, a algumas indicações a largos traços.

Para iniciar a campanha com os fins já expostos, — iminentemente sociais e desintestados, — as organizações operárias e os revolucionários escolheram nada menos do que Roma — cidade de funcionários, padres e ricos parasitas, nacionais e estrangeiros, e que tem fama de baluarte do lialismo monárquico. Demonstração ousada, mas eloquente e de efeito.

Em 10 de Abril, declarou-se em Roma uma greve geral demonstrativa — uma espécie de parada. A paragem foi completa, absoluta; os próprios cafés da alta roda tiveram que cerrar as suas portas, por falta de pessoal. A noite em Roma se viu aquilo, e o assombro e a preocupação foram enormes.

Cinco dias depois, rebentava em Milão uma imponente greve geral de protesto, por causa das violências policiais do dia 13, num grande comício popular.

No dia 15, quando um grupo voltava do comício socialista, cantando o hino revolucionário *A Bandeira Vermelha*, um bando nacionalista, chefiado por oficiais do exército, lançou-se sobre eles, empunhando revólveres. E enquanto os policiais e carabineiros repeliem os socialistas para o norte da cidade, em direcção ao local do comício, deixavam, do lado oriental, o campo livre aos *traulheiros* da reacção, que iam assaltar e saquear à sua vontade a redacção do *Avanti!*, onde havia uma ou duas pessoas.

A proeza pôs em sérios embaraços o governo. Dois ministros foram a Milão, abriu-se um inquérito rigoroso, foram demitidos e transferidos funcionários policiais e administrativos, e tratava-se de saber que oficiais tinham tomado parte no acto e nos conflitos. A *Epoca*, órgão oficial de Orlando, censurava os *traulheiros*, que bem podiam "desencadear a guerra civil" (textual).

E o *Avanti!* era alvo duma poderosa manifestação de solidariedade de todo o país — solidariedade moral, material, pecuniária.

Ante-bolxevismo

Há cerca de quarenta e cinco anos, quando ainda não se falava em bolxevismo e a Companhia das Águas estava, apenas, no seu estado embrionário; quando ainda não se falava em anarquismo nem em anarquistas; quando ainda não rebentara em Portugal nem se sabia o que era uma bomba explosiva; quando as companhias de seguros estavam igualmente em embrião e os senhores da propriedade urbana, julgados à rotina, não se dispunham a fazer o seguro das suas propriedades, acontecia, quasi todos os dias, manifestar-se incêndio num ou mais prédios de Lisboa.

Esses incêndios, principiavam sempre nas escadas dos prédios e eram lançados com carqueja e petrólio.

E foi assim que os senhores da cidade se resolveram a efectuar o seguro dos seus prédios e foi à proporção que esses seguros se efectuaram que foram rareando os incêndios lançados por mãos criminosas nas condições acima indicadas.

Quem teria interesse nesses incêndios? Não os sabemos.

Referimos o facto, que não constitui invenção.

Quem terá interesse nos incêndios que têm havido em Lisboa nos últimos dias? Não os sabemos de ciência certa.

Por via de regra os estabelecimentos do Estado não tem seguro.

O depósito de Fardamentos, a sala do Risco, a repartição das encomendas postais, a cadeia do Limoeiro e o hospital militar de Campolide, onde no sábado último se manifestou incêndio, que, felizmente, não se desenvolveu, não estavam no seguro.

O governo e o público que tirem de tudo isto as conclusões que quiserem, advertindo que não pretendemos fazer reclame às companhias de seguros, cujo número tem avultado consideravelmente nos últimos três anos e cujo interesse é realizar seguros, visto que para outra coisa não existem.

Ferrovários do Minho e Douro

Na sua última sessão protestaram contra os assaltos às associações operárias

A União Ferroviária, na sua última assembleia magna, deliberou enviar ao chefe do Estado, o seguinte telegrama:

«Os Ferrovários do Minho e Douro, reunidos em assembleia magna, ao mesmo tempo que protestam contra os atentados praticados em Lisboa, por meio de incêndios e roubos, levados a efeito por perturbadores estrangeiros e classes operárias, protestam contra os assaltos às associações operárias de Lisboa, e bem assim contra o seu encerramento.»

NO PORTO

Uma greve importante

PORTO, 10. — Declararam-se em greve os operários dos importantes armazéns Valsate Costa & C., de Vila Nova de Gaia, que reclamam as 8 horas de trabalho, tendo por esse motivo fechado os armazéns e as oficinas. — H.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Eleições

Realizaram-se ontem as eleições para deputados e senadores. Não temos ainda em mão, à hora em que escrevemos, o resultado final do apuramento; mas, do que sabemos, pode já concluir-se que, nestas como nas últimas eleições, foi proporcionalmente reduzidíssima a concorrência de votantes. Ao parlamentarismo, cujo prestígio dia a dia mais se apaga e decrece, volta as costas a multidão imensa dos abstencionistas. A desilusão popular gradualmente se vai operando. Porque é realmente da desilusão popular que se trata. Podia tratar-se simplesmente da indiferença, tão peculiar ao carácter da nossa gente. Mas, a ser assim, diminuiria, a pouco e pouco, o abandono a que o acto eleitoral está sendo votado. Ora, é precisamente o contrário que sucede. Por momentos, quem ontem venceu, não foi o partido democrático. Foi a corrente avançada do operariado que, descrente da paucidade parlamentar, conta apenas com os seus próprios meios para alcançar os seus próprios fins.

Na Escandinávia

Segundo o relatório relativo a 1918, a Federação Sueca do Trabalho registou um ganho de 38.000 aderentes, ficando assim o total dos efectivos sindicais da Suécia elevado a 217.000 trabalhadores, num país cuja cifra de população anda pela de Portugal.

São os metalúrgicos os mais bem organizados: de 59.000 aubiram a 65.000. Quanto aos trabalhadores municipais, passaram de 5.700 a 12 mil.

Só em Goteborg há mais de 25.000 operários organizados.

Nos outros países escandinavos, Noruega e Dinamarca, são igualmente importantes as forças do sindicalismo e as do socialismo, sendo muito forte a ala extremista.

Na Dinamarca, a crise é terrível, vendendo-se a classe dominante nos maiores apuros para reter os descontos. Em Março, havia 63.000 desempregados.

La Vie Ouvrière.

Temos diante de nós o 1.º número da nova série desta interessantíssima publicação sindicalista francesa, desta vez, como já dissemos, em forma de semanário de combate.

Viva, documentada, variada, clara, sem violências verbais nem tibições de doutrina, *La Vie Ouvrière*, desde logo à altura da situação. Está, aliás, em óptimas mãos.

O primeiro artigo é uma notável carta do sindicalista inglês Tom Mann — aos amigos de França. O conhecido militante britânico é dos que esperam com ansiedade uma acção precisa e determinada da parte dos trabalhadores de França. Na Inglaterra, vê ele «o movimento dos delegados de fábricas e de das comissões de operários uma força que cresce sem parar e que breve dará a medida do seu poder». Abre ali caminho a convicção de que os Conselhos de operários devem e querem tomar inteiramente a seu cargo uma nova organização social.

Aconselhamos calorosamente aos nossos leitores a leitura de *La Vie Ouvrière*, cujo reaparecimento nos enche de júbilo.

Assinatura: 6 francos por semestre.

O diabo feito frade

O antigo revolucionário Hervé, antipatriota zaragato, está hoje inteiramente voltado do avesso. A propósito do 1.º de Maio em Paris, o salimbancão acha que os desordeiros foram os operários e não a polícia. E ladra às canelas do operariado.

Le Populaire recorda-lhe a propósito a primeira manifestação a Ferrer assassinado, no tempo de *La Guerre Sociale*. Nesse dia, falou largamente o «camarada Brownling», tam decantado na folha arrianeira. Nesse dia, a redacção da mesma folha, postada diante do terraco dum café, alvejou o prefeto de polícia e Hervé não foi o último a disparar. Por sinal, com tam má pontaria, que ia quasi dando cabo de um dos companheiros de redacção!

Apontaria, rectificou-a depois o salimbancão...

Amigos de "A Batalha"

Por intermédio dos camaradas João de Deus Simões, Carlos Coelho e João Jorge foi entregue, na administração do nosso jornal, a quantia de 44\$01,5, importância das subscrições voluntárias promovidas entre os trabalhadores do Algarve, quando da missão de propaganda da iniciativa da F. C. C., para auxílio de *A Batalha*, tendo as diversas localidades contribuído com as seguintes quantias: Portimão, 2\$31; Santa Bárbara de Nexe, 3\$32; Faro, 5\$80; Olhão, 5\$62; Tavira, 2\$62; S. Braz de Alportel, 2\$77; Olhão (1.º de Maio), 14\$07; Lagos (1.º de Maio), 5\$22; Lagos (3 de Maio), 6\$30,5; José Sanchez, 1\$00. Total, 44\$01,5.

OS TELEFONES

A direcção da Companhia dos Telefones comunicou ao governo que a deficiência notada nos últimos dias nos serviços telefónicos da sua rede, foi devida ao estado anormal consequente das greves, especialmente à dos eléctricos, estando, porém, já assegurada a regularidade de todos os serviços públicos e particulares. Também comunicou que está empregando todos os esforços no sentido de se evitarem determinadas reclamações.

E de tal maneira sensíveis e proveitosos são esses esforços que ainda *A Batalha* não tem o telefone que a Companhia requisitou, vai para três meses.

A Boa Fada

Conta uma lenda antiga, e tão antiga que se some na voragem dos tempos, que um dia Jehovah castigou a Mãe Eva pelo facto de ela ter comido uma simples maçã e esse castigo foi tão severo que a infeliz Eva foi condenada a ter filhos.

E teve-os.

Mais tarde o mesmo Jehovah quiz o produto do castigo aplicado e mandou dizer a Eva que trouxesse à sua presença os filhos que tinha; esta, por vergonha ou recio de novo castigo, por ter engendrado tantos filhos, escondeu atrás da porta o maior numero, trazendo a presença de Deus o menor; e foram estes os bem fadados, os ricos, os que tudo possuem.

Mas sabendo Deus que Eva não lhe tinha falado verdade, e portanto a maioria tinha ficado na miséria condenada eternamente a trabalhar para as primeiras gozarem, o Deus vingativo quiz compensar todo mal que tinha feito e numa hora de bom humor chamou uma das suas boas fadas e disse-lhe:

— Vai, vai, percorre o mundo. Consola os aflitos e os tristes. Acarinha e beija os que sofrem. Encurga as lágrimas aos que choram; às mulheres abandonadas ou traidas, às crianças nuas, aos velhos sem amparo, aos doentes, aos presos que muitas vezes sofrem por crimes que não cometeram, a todos os desgraçados que se voltam para a morte, porque já nada esperam da vida, incute-lhes a esperança.

Esperança pela terra o bem, o Amor, a Bondade e a alegria.

Faz nascer flores nas pedras e nas almas.

Aqueles que tu vires na miséria é na agonia darás o bálsamo do teu consolo.

Procura de preferência os desgraçados, os humilhados, os que no mundo nada mais podem possuir além da riqueza da ilusão e da ventura do sonho.

Ama e consola a todos, que todos são irmãos.

Vai!

pelas cidades tumultuárias e cheias de fumo das fábricas; rias sombrias, onde, sobre a lama, desfila tuctuaria, como depois de uma derrota, sempre recomçada, a legião dos operários malcontentes, ao sair das fábricas, das roças e das minas; onde, em mandanças das luzes, em negros covis sem ar, se agita e vegeta, fervilhando, uma multidão esmagada e faminta; pelos hospitais, pelas prisões, pelas tabernas...

...e pelos campos de batalha, onde os mortos e os feridos jazem, e onde habita a Desgraça, a Miséria, o Pranto e a Dor.

Vai! Vai por esses campos desolados, onde de sol a sol, vergados à dura glória alheia, os cavaleiros regam a terra com o seu suor para dela tirarem os frutos com os que sustentam os senhores; pelas aldeias arredadas, onde os velhos paralíticos abandonados dos filhos que emigram ou são arrastados para as guerras, aguardam a morte, sentados à porta das herdades em ruínas; pelos caminhos ermos, onde se arrastam, estendendo a mão ao viandante, os mendigos, os cegos de sacola sem pão e sem guia; pelas choupanas desgarradas das montanhas, onde as mulheres, com os filhos no regaço, choram pelos maridos arrebatados para a morte e por não terem leite para os filhos, mas tão somente lágrimas para os alimentares; pelas serras agrestes, onde os pastores miseráveis e semi-nus, vão tocando nas avens dolentes as melodias da sua aldeia, de olhos fitos nos longínquos pastos, atrás das rês magras e famélicas do seu rebanho; pelas costas batidas pelo mar embravecido, onde entre restos de lanchas naufragadas, de cabelos soltos ao vento; as esposas dos pescadores estendem los trágicos braços para as ondas que los arrebataram.

Vai! Vai a toda a parte, leva o sortilegio da tua maravilhosa bondade e transfigura o mundo, enche a terra e as almas de alegria. Que não haja mais crimes, destrói o ódio, elimina a traição e a violência; arranca do coração dos ricos o egoísmo, a ambição, o ódio e a dureza, e aos humildes que não sentiam a paz no peso da miséria, que a igualdade e a paz reís emfim sobre a terra que é património de todos.

E a *Boa Fada*, a boa fada enviada por Deus para suavizar as agruras da humanidade, tendo partido há tantos séculos que se não conhece a conta, avistando de nós e deve em breve fazer a sua entrada triunfal. Pelos sinais dos tempos ela deve estar próximo, que venha para reinar e tornar todos os homens irmãos como irmãos que são.

Salve Fraternidade.

M. Silva GUIMARÃES

A questão de Fiume

Desmente-se que Wilson transigisse com a Itália

NEW YORK, 10. — O correspondente da *Associated Press*, em Washington, recebeu um despacho da Casa Branca, classificando de ficção «pura e simples» a notícia do *Echo de Paris*, que anunciava que o presidente Wilson se tinha comprometido em reconhecer a cessão de Fiume à Itália depois de 1923. Parecia que o presidente tinha modificado a sua primeira maneira de ver. — H.

Os progressos da aviação

MADRID, 11. — Esta manhã chegou ao campo de aviação de Cuatro Ventos, próximo de Madrid, um aeroplano inglês com 10 pessoas a bordo. Chegaram também dois aeroplanos franceses, tendo cada um quatro pessoas a bordo. — H.

Consulados e Alfândegas

Se a burguesia quizesse... compreender as formas apontadas, da necessidade de dendo que um país não pode viver isolado, e que tudo a ganhar quando as relações políticas e principalmente económicas, se mantêm em bom estado, procurando melhorar essas relações. Para isso, uma reforma necessária é a da engrenagem da representação diplomática, não tanto no que respeita a ministros e embaixadores, como no que se refere a consules.

Embaixadores e ministros, sobretudo depois do descrédito máximo que a guerra e suas consequências complicadas lhes trouxe, não poderão, de futuro, desempenhar papeis de real importância, ficando apenas, o que já em parte, eram figuras decorativas nas cerimónias oficiais, em balls, antepastos, banquetes, diminuindo rapidamente o completo desaparecimento, a sua intervenção em questões internacionais importantes. Os sépticos e sobretudo os diplomatas, poderão não acreditar nisso. Mas o que é certo é que o seu *estado* acabou, e acabou pela verificação da sua incompetência e da sua completa inutilidade.

Não seria pois nesse campo que a reforma teria muito que fazer. Onde ela teria de se aplicar, onde tem de se aplicar, é na representação consular, considerando os consules como agentes do desenvolvimento económico do país respectivo. Qual a orientação dessa reforma consular?

Deveria ela ser feita de modo que os serviços consulares perdessem o carácter que geralmente tem agora: o de uma representação diplomática, encobrindo a colocação pura e simples de protegidos, em grande número inúteis. Os consules, que deveriam até mudar de designação, pois tudo tem a sua importância, e chamarem-se representantes comerciais ou qualquer outra coisa, seriam nomeados, demitidos ou transferidos, com a intervenção efectiva e directa das associações económicas do país, patronais e operárias. Assim proceder-se-ia a uma revisão destes serviços, criando e abolindo os lugares que fôsse necessário, de modo que os indivíduos nomeados ou mantidos nos seus lugares, fôsem de facto, como seria de justiça e útil para o país, mais delegados daqueles organismos que propriamente do governo. Estes delegados deveriam ser nomeados por aqueles organismos, e não pelo governo.

Se o mundo novo que se está elaborando, à sombra de tanta resistência e aparentes triunfos, para alguns, do mundo velho, que nos há de mostrar a necessidade da nova vida internacional, fundada na liberdade e no acordo, com muito desgosto dos rotineiros, dos parasitas e dos sábios, mas com muita satisfação do povo, que lhe há de sentir os efeitos benéficos.

Pois se a burguesia quizesse, faziase o que se tem indicado neste e anteriores artigos e realizava uma obra de progresso e, até para, mal um dizer isto, de defeza. Mas ela não quer e por isso sua alma sua palma!

Resta-me falar, para terminar com a exposição da orientação geral da revista.

O incidente Wilson-Brando

Considerações de Phédon em *Le Populaire de Paris*:

«As vitas e três potências que faziam frente à Quadrupla não passavam dum sindicato de cubistas. Logo que esteve a vista a presa, lá se lhes greiou o pacto. Ao repartir-se o bolo, mostra-se o descomunalmente por todos os lados.

A Itália retira-se porque lhe não dão Fiume; em 1915, ela não pensava em proclamar italianíssima, segundo a terminologia de D'Annunzio. Mas a Itália não será talvez a mais brutal, e não falta quem afirme que maiores surpresas nos reserva o Japão.

Os imperialistas belgas — quem havia de pensar neles? — denotam um significativo mau humor, e a Polónia profere vagas ameaças para o caso de lhe não tocar Dantzig. Varsóvia e Praga não se entendem a respeito de Teschen. O exército checo-eslovaco e o exército romeno marcham ao encontro um do outro sobre o corpo da Hungria, alegando que considerações. O Banato serve de facto de discórdia entre a Sérvia e a Roménia, que já se medem com o olhar. A Austrália ainda não perdoou à sua metrópole não lhe ter esta obtido inteira satisfação no Pacífico. A Grécia acusa de ingratitude as grandes potências ocidentais. Não me atrevo a falar do Reno, pois a censura vela.

Que espectáculo! Aliados dilacerando-se entre si; governos sentados no mesmo banco tratando-te como adversários; chancelarias esforçando-se por preparar as guerras de amanhã e falando sem mandato em nome dos povos para reclamar terras e mais terras, dando e mais dando humano; um mundo precipitando-se sobre o mais horrível corpo ensanguentado e premeditando, sob o pretexto de abolir servidões, novas servidões tam cruéis como as antigas. Eis a Sociedade das Nações!

Eis como, através da fenda italiana, se entreve o horror todo duma época! Agradeçamos a Wilson — ainda que tal não tenha sido a sua intenção — o ter quebrado diante dos nossos olhos — a toalha tizente e ornada do glacião.»

Requisição dos edificios partilhados

Foi assinado um decreto autorizando o governo a requisitar os edificios particulares de que carecer para instalação provisória dos serviços públicos prejudicados pelos últimos incêndios.

Aumento de salário

O mestre António Figueiredo, da Avenida Duque de Avila, concede aos operários que emprega nas obras que dirige, 30 % de aumento sobre os actuais salários.

Reorganização do ensino primário

Foi ontem assinada a reorganização dos serviços de ensino primário, em dois dos seus graus.

